

Outros Tempos, vol. 13, n. 21, 2016 p. 65-83. ISSN:1808-8031

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v13i21.506>

**ESPECTROS DE LUTADORES:** história, memória e imprensa em Sobral/CE no início do século XX<sup>1</sup>

**SPECTRES OF FIGHTERS:** history, memory and press in Sobral/CE in the early twentieth century

**COMBATIENTES ESPECTROS:** la historia, la memoria y la prensa en Sobral/CE a principios del siglo XX

JORGE LUIZ FERREIRA LIMA

Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC) Ipu/Ceará/Brasil  
[jorgeluilzflima@bol.com.br](mailto:jorgeluilzflima@bol.com.br)

**Resumo:** O presente trabalho procura discutir a construção de uma memória da imprensa na cidade de Sobral, estado do Ceará, a partir do imaginário constituído em torno dos jornalistas Vicente Loyola e Deolindo Barreto Lima, partindo da constatação de que a memória oficial local atribui estatutos diferenciados a cada um. Para Vicente Loyola ficou a imagem do enfermo, intruso em uma arena jornalística antes dominada por bacharéis e doutores; Deolindo Barreto, pelas circunstâncias de sua morte violenta, ocupou lugar de maior destaque no imaginário local, recebendo o estatuto de mártir, o protótipo do jornalista destemido. Interessa-nos perceber as tramas da construção de duas memórias tão distintas para dois jornalistas cujas vidas foram dedicadas ao jornalismo sertanejo. Serviram-nos de fontes os jornais “O Rebate”, de Vicente Loyola, e “A Lucta”, de Deolindo Barreto, disponíveis no sítio da Biblioteca Nacional na internet.

**Palavras-chave:** Imprensa. Memória. Cidade.

**Abstract:** This paper discusses the construction of a press memory in the city of Sobral, state of Ceará, from the imaginary constituted around journalists Vicente Loyola and Deolindo Barreto Lima starting from the fact that the local official memory assigns different status to each of them. It set established to Vicente Loyola the image of an infirm , intruder in a journalistic arena previously dominated by graduates and doctors; Deolindo Barreto, by the circumstances of his violent death, occupied more prominent place in the imaginary place, receiving the martyr status, the prototype of fearless journalist. We are interested in realizing the plots of the construction of two such different memories for two whose lives were dedicated to backcountry journalism. It has been a resource to us the newspaper "O Rebate", by Vicente Loyola, and "A Lucta", by Deolindo Barreto, available on the website of the National Library on the Internet.

**Keywords:** Press. Memory. City.

**Resumen:** Este artículo discute la construcción de una memoria de la prensa en la ciudad de Sobral, estado de Ceará , de los imaginarios constituidos en torno a los periodistas Vicente Loyola y Deolindo Barreto Lima a partir del hecho de que la memoria oficial local asigna diferentes estatutos cada uno. Para Vicente Loyola era la imagen del paciente, intruso antes de que un ámbito periodístico dominado por licenciados y doctores; Deolindo Barreto, por las circunstancias de su muerte violenta, ocupaba el lugar más prominente en el lugar imaginario, recibiendo la pecha de mártir, el prototipo del periodista valiente. Estamos interesados en la comprensión de las tramas de la construcción de dos memorias diferentes para dos personas cuyas vidas fueron dedicadas a lo periodismo sertanejo. Sirvieron nos como fuentes el semanal "O Rebate" de Vicente Loyola, y "A Lucta" por Deolindo Barreto, disponible en el sitio web de la Biblioteca Nacional.

**Palabras clave:** Prensa. Memoria. Ciudad.

<sup>1</sup> Artigo submetido à avaliação em dezembro de 2015 e aprovado para publicação em maio de 2016.

### Uma rua no “Campo dos Velhos”

A relação entre história e memória pode ser bastante tensa, especialmente, porque a primeira tende a evidenciar as tramas da segunda, constituindo um discurso antitético, oponente, contrário, adversário. Se a literatura pode “assombrar” a história<sup>2</sup>, não é menos válido afirmar que a história tende a fazer o mesmo com a memória. O relato historiográfico propende-se a surpreender o discurso memorialístico. Fantasmas camuflados nos floreios da memória levantam-se do pó dos arquivos para incomodar, para desconstruir a memória harmônica e homoganeamente constituída. Neste sentido, cabe ao historiador ocupar sua posição de inquiridor da memória e não se tornar mais um de seus propagadores, caindo em suas malhas e construindo um discurso que venha a perpetuar hegemonias.

A convivência com os documentos e a ambiência dos arquivos remetem ao passado. Não é à toa que uma das experiências sensoriais mais fortes proporcionada por um arquivo é o silêncio. Em sua mesa de trabalho em uma sala fechada, o pesquisador debruçado sobre os documentos, cerrado ao mundo exterior e ao presente com seus sons e barulhos, mergulha no passado a cada documento manuseado. Silêncio e cheiro de mofo facilitam a experiência sensorial de proximidade com outro tempo, com aquilo que há muito não foi tocado, visto, lembrado. O historiador penetra nesta ambiência inóspita, cifrada, enigmática, pensando estar munido das ferramentas metodológicas necessárias à decifração, evitando ser devorado pelo passado que finge deixar-se descobrir para, ao invés disso, engolir o incauto intruso em suas malhas enfeitiçadoras.<sup>3</sup>

Desse modo, torna-se enigmática não somente a relação que o historiador estabelece com o passado, mas também aquela que o liga à sociedade presente. O contato com os documentos, as horas passadas na ambiência do arquivo produzem no pesquisador uma intimidade, em alguns casos, uma promiscuidade com o passado, a ponto de turvar-lhe a visão, criando a ilusão de que este precisa ser invocado, resgatado, trazido de volta, como se fosse um objeto perdido ou mais que uma construção operada no presente.<sup>4</sup>

O contato com o passado, esta espécie de imersão que o historiador experimenta não pode passar sem produzir um efeito. Ela produz inquietações manifestadas nas perguntas dirigidas à memória. O historiador deve quebrar o silêncio, dizer o não dito, desfazer as

---

<sup>2</sup> BRAÚNA, José Dércio. *A assombração da história: história, literatura e pensamento pós-colonial*. Fortaleza: Deleatur, 2015.

<sup>3</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007; e, FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

<sup>4</sup> Ibid.

arrumações harmônicas com que se acham adornadas as memórias de indivíduos e sociedades. É dentro do arquivo que vozes há muito silenciadas se fazem ouvir. O silêncio dos documentos, seu escondimento em ambientes de acesso restrito denunciam que a história ainda é entendida como domínio de poucos. Acessar os documentos é coisa de especialista, aos demais, fica o discurso homogeneizante da memória.

Ao mesmo tempo que os historiadores passam as horas no silêncio e isolamento de um arquivo, discursos negadores da história ganham o mundo por meios cujo alcance torna-se difícil medir. As cidades com seu espaço urbano, sua tessitura social, sua cultura, funcionam como um discurso perpetuador das memórias oficiais. Os monumentos, os rituais, as coleções, os lugares de memória institucionalizados pelo Estado funcionam como importantes mecanismos pacificadores das terríveis tensões abafadas entre história e memória. Enquanto isso, o historiador luta com os fantasmas que pulam dos documentos e insistem em ganhar o mundo, em assombrar a memória.

Vicente Loyola nasceu em 1877 na fazenda Canto, nas proximidades da atual cidade de Forquilha/CE, distante cerca de 18 quilômetros de Sobral e 200 quilômetros de Fortaleza. Ainda jovem veio para Sobral onde foi empregar-se no comércio. Depois de colaborar com alguns jornais, conseguiu adquirir uma tipografia e fundar, em 1907, o jornal *O Rebate*, o qual manteve até 1919, quando faleceu.<sup>5</sup>

Jornalista, comerciante, político e escritor, viveu a virada do século XIX para o XX em uma cidade sertaneja, cortada por um rio, com uma paisagem pontuada pelas torres das igrejas, centro urbano enfeitado de belos palacetes e parrudas casas comerciais. Este mesmo centro urbanizado não deixava de estar cercado por arrabaldes onde sobrevivia uma população pobre dedicada a pequenos ofícios e, não raro, caindo facilmente no submundo das práticas socialmente indesejadas – vadiagem, prostituição, alcoolismo, mendicância. Ali, fazia-se política com afinco e bem à moda da época. Do mesmo modo e no mesmo tom, fazia-se o jornalismo, textos forjados nas brasas das paixões partidárias por homens cuja escrita foi aprendida na leitura dos grandes panfletários do momento.<sup>6</sup>

Observando a pujança da figura de Loyola, a partir da leitura das séries anuais de seu jornal *O Rebate*, nos veio uma questão: onde está situado Vicente Loyola na memória do jornalismo sobralense? Qual o seu lugar? Não precisou muito para constatar seu esquecimento. Vicente Loyola acha-se camuflado em uma zona de silêncio. Fomos encontrar

---

<sup>5</sup> Dados biográficos colhidos no site: portal.ceara.pro.br, acesso em janeiro de 2016.

<sup>6</sup> MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (Org.). *História da imprensa no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 36-37.

seu nome em um ponto mais distante.

Vicente Loyola teve seu nome dado a um lugar, a um espaço na urdidura urbana de Sobral. Trata-se da rua Jornalista Vicente Loyola, um tanto afastada do centro da cidade, no atual bairro Alto da Expectativa, outrora conhecido como “Campo dos Velhos”. A rua de curta extensão, calçada de pedra tosca, estreita e preenchida por residências de classe média, próxima ao atual Parque da Cidade, extensa área de lazer construída na gestão do prefeito Cid Gomes. A pergunta que surge é: porque o nome de Vicente Loyola foi destinado a uma rua assim afastada enquanto o de seus contemporâneos, daqueles que como ele pugnaram na política sobralense no início do século passado, assumindo papel de intenso protagonismo na história da cidade, foi destinado a servir a logradouros centrais?

A cidade é lugar de práticas de espaço, como escreveu Michel de Certeau<sup>7</sup>. Quando traçamos uma rota para ir de um ponto a outro da área urbana, usamos como referência, invariavelmente, os nomes das ruas. Em Sobral, como de resto em todo o Brasil, a nomeação das ruas constituiu ocasião de se prestar homenagem e inscrever na memória urbana os nomes dos homens ilustres, tidos como protagonistas da história local. Os bairros centrais, mais antigos, recebem nomes de sujeitos aos quais se atribui mais importância. Quanto mais distante do centro, mais diminui o grau de importância do homenageado. Ora, Vicente Loyola foi aliado do espaço dos ilustres e teve seu nome atribuído a uma rua distante, calma, pacata, bucólica mesmo. O que estaria por trás de tal escolha e iniciativa?

Para o historiador, a nomeação das ruas constitui um dos discursos da memória, que impõe ao transeunte, ao habitante da cidade, ao visitante ou a quem simplesmente visualiza o mapa em uma tela de computador, uma lista de nomes a serem lembrados. O nome outrora pertencente a um sujeito passa a pertencer a um lugar, imobilizado, fincado ali, colocado no caminho de tantos passantes, a ser lembrado diariamente, a ser inserido sutilmente no cotidiano, a estar na boca de tantos. O nome da rua, especialmente das ruas centrais, continua a ser pronunciado, chamado, mesmo quando seu verdadeiro dono não mais o pode ouvir. A morte é uma condição *sine qua non* para que o nome do sujeito possa ser destinado a um logradouro.

Andar pelas ruas centrais de Sobral é caminhar entre os mortos cuja memória subsiste. A elite sobralense dos séculos XIX e XX encontra-se ali perenizada, com seus nomes salvos do esquecimento pelas tabuletas metálicas. A cada esquina os olhos do transeunte deparam-se com o nome de algum sujeito importante, sempre precedido de um título de

---

<sup>7</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 14 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008. p. 171.

honoraria, uma patente ou um título acadêmico. No caso de Vicente Loyola, o que precede o seu nome na placa da rua, como que a justificar sua inclusão ali, é a palavra “jornalista”. Por que aquela pequena artéria não se chamou apenas “Rua Vicente Loyola”? Era preciso dizer, no curtíssimo espaço de uma placa de metal, a justificativa, a credencial do sujeito cujo nome ali foi gravado. E a credencial de Loyola foi a sua atividade jornalística. O jornalista Vicente Loyola foi escolhido para nomear uma pequena artéria do espaço urbano da cidade onde trabalhou, militou, escreveu e padeceu para morrer aos 42 anos de idade, em 1919.<sup>8</sup>

Aquele jornalista, cujo nome consta perenizado na memória da cidade de Sobral, também pode ser encontrado nos arquivos por meio do acesso à sua principal obra, a obra de sua vida, como ele mesmo considerava. Estamos falando do jornal *O Rebate*, um dos empreendimentos jornalísticos mais sólidos e duradouros que a cidade de Sobral conheceu naquelas duas primeiras décadas do século XX. O exercício de percorrer a série de edições d'*O Rebate* revela facetas de Vicente Loyola definitivamente silenciadas na plaqueta metálica da rua.

Uma delas foi a ambigüidade de seu discurso. Ao mesmo tempo em que defendia uma imprensa livre da tutela ou patrocínio de facções políticas, assumia abertamente sua posição no seio das fileiras do Partido Republicano Cearense como o demonstram seus artigos de opinião e seu empenho pessoal na campanha eleitoral a favor do candidato Marcos Franco Rabelo em 1911-12, sendo recompensado com sua indicação para a lista de candidatos a deputado estadual pelo mesmo partido.

Aqui chegamos ao ponto onde a história começa a assombrar a memória. O homem a quem pertenceu o nome hoje atribuído a uma pacata ruazinha do antigo Campo dos Velhos teve uma vida agitada. Seu discurso no jornal chegava ao extremo de não confirmar suas ações, produzindo certas incoerências, nunca, porém, deixando de mostrar a disposição para o enfrentamento e a fascinação pelo ideário republicano e pela modernidade que chegava à cidade sob a forma de equipamentos tecnológicos, especialmente na esfera dos transportes e das comunicações<sup>9</sup>. Vicente Loyola também adotou com muita seriedade a imagem de Sobral como “cidade intelectual”, expressão convertida em uma espécie de jargão pelos intelectuais locais desde a primeira vez em que foi empregada pelo escritor Domingos Olímpio no

---

<sup>8</sup> FALLECIMENTOS. *A Ordem*, Sobral, p. 4, 7 nov. 1919. O jornal *A Ordem* foi fundado na cidade de Sobral no ano de 1916 para servir de órgão oficial ao Partido Republicano Conservador de Sobral. Sua publicação foi colocada a cargo do Dr. Plínio Pompeu (diretor), Craveiro Filho (gerente) e Newton Craveiro (redator) e mais um grupo de colaboradores. Circulou até inícios da década de 1940.

<sup>9</sup> Em 1881, foi inaugurada a Estrada de Ferro de Sobral, cujo traçado ligava Sobral ao porto de Camocim, no litoral oeste cearense, próximo à fronteira com o Piauí. Junto com a ferrovia veio o telégrafo, dinamizando os transportes e as comunicações na região.

romance *Luzia Homem*.<sup>10</sup>

Um nome friamente gravado no metal de uma placa de rua não pretende dar conta da complexidade do homem, do sujeito de quem foi tomado de empréstimo. Ao nomear a rua no Campo dos Velhos, a Câmara Municipal de Sobral possivelmente pretendeu perpetuar seu nome para as gerações futuras, mas tal estratégia não dá conta de mostrar a trajetória deste jornalista em sua complexidade, suas tensões e, especialmente, trazer à tona a sua contribuição para a história de uma cidade sertaneja marcada pelas tensões entre impulsos de mudança exercendo pressão sobre o pensamento conservador reinante no meio de uma elite agrária, católica e patriarcal.

Situar Vicente Loyola em meio ao cenário político e social da cidade de Sobral no início do século XX pode ser tão complicado quanto deve ter sido para os vereadores escolher um nome para a pequena rua do Campo dos Velhos. A verdade é que, por baixo de ilusória aparência de simplicidade, a sociedade sobralense tornava-se cada vez mais complexa à medida que seu modo de vida rural, tradicional, junto com seus valores e suas vaidades nobiliárquicas eram afrontadas pela penetração de novas ideias chegadas por meio de jornais e livros, telégrafo e ferrovia, dinamização do comércio e surgimento de novas instituições destinadas à promoção de novas formas de sociabilidade.

Vicente Loyola viveu um tempo em que os setores dominantes da sociedade sobralense começaram a conviver com novas gerações saídas de suas próprias entranhas, mas um tanto indispostas com a simples ideia de continuar mantendo seus privilégios de monopolização do poder político a nível local.

O pensamento republicano e liberal, bem como ventos de cientificismo, do comunismo e do pensamento evolucionista, chegaram à cidade e ao conhecimento dos jovens da virada do século, os quais, uma vez alfabetizados, puderam ter acesso a leituras propícias à formação de um ideário moderno para a cidade por meio das bibliotecas – públicas e particulares –, farmácias, casas comerciais, barbearias, hotéis, redações de jornais, tipografias etc. – o que redundou na formulação de novos projetos, de novas imagens para um centro urbano sertanejo agora sedento por transformações da modernidade.

O nome da rua evoca um sujeito, mas não conta sua história. Neste caso, lembrar não implica conhecer. Observar o mapa das ruas, avenidas e praças da cidade de Sobral permite visualizar, alinhados lado a lado ou cruzando-se perpendicularmente, os nomes de sujeitos invariavelmente ligados a setores da elite local, o que não constitui nenhuma

---

<sup>10</sup> OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira Ltda., 1949. p. 11.

novidade. Porém, um olhar mais atento permite trazer ao alcance do olho que mira a tela algumas contradições, perguntas que pululam a partir da configuração da cidade.

As tramas de uma memória podem ser percebidas a partir da disposição dos nomes dos logradouros. Vicente Loyola, o jornalista, foi banido para o Campo dos Velhos, enquanto Deolindo Barreto Lima – outro jornalista – teve seu nome atribuído a uma das principais ruas da cidade. Ambos tiveram trajetórias um tanto semelhantes. Fundaram jornais e se colocaram em posição antagônica em relação aos mandatários locais. O segundo fundou o jornal *A Lucta* em 1914 e manteve-o em circulação até sua morte, em 1924.<sup>11</sup> Aos olhos da memória local, o que os diferencia são as circunstâncias em que encontraram a morte, deixando para trás uma carreira jornalística vicejada de polêmicas e confrontos.

Vicente Loyola encerrou sua carreira ao sucumbir a uma antiga enfermidade que o perseguiu desde a juventude. As referências aos seus “incômodos de saúde” eram constantes em suas crônicas; Deolindo Barreto foi assassinado no pleno vigor de seus quarenta anos, cravejado de balas por seus adversários políticos. Imediatamente foi convertido em uma espécie de mártir do jornalismo em Sobral. Seu nome permaneceu mais forte na memória local em face de sua morte espetacular. Seus descendentes enveredaram pelos tortuosos caminhos da política local e galgaram posições de poder, o que influenciou a atribuição de seu nome a uma rua central e a instalação de seu busto na praçinha ao lado da Câmara Municipal, em cujo interior se deu o atentado que resultou em sua morte.

Em 1919, Vicente Loyola morreu em casa, após longa agonia, entre os familiares e auxiliado por um médico. Uma morte por demais corriqueira. Morria-se assim em Sobral naquele tempo. Após uma vida carregada de lutas e resistência, Vicente encerrou sua passagem pelo mundo e entrou para o domínio da memória vestindo a mortalha do jornalista enfermo, fisicamente fraco, digno de pena. Seu corpo foi entregue à terra e ao merecido descanso; seu nome seria lembrado por alguns até cair em esquecimento, reaparecendo na rua do Campo dos Velhos.

Sem o esquecimento a memória seria impossível<sup>12</sup>. O esquecimento resulta de um processo natural de descarte do excesso de informações que nos chegam à mente; sem ele, entraríamos em colapso, como o personagem Funes, o memorioso, criado por Jorge Luís Borges<sup>13</sup>. No entanto, o esquecimento também pode resultar de um esforço de indução. Certos nomes podem ter sido deliberadamente lançados ao esquecimento, numa espécie de

---

<sup>11</sup>BRASIL, Jocelyn. *Andanças e lembranças*. 2 ed. Belém: Edições Aleutianas, 1990.

<sup>12</sup>MENEZES, Ulpiano T. Bezerra. A História, cativa da memória? *Rev. Inst. Est. Bras.* São Paulo, n. 34, p. 9-24, 1992. p. 16.

<sup>13</sup>BORGES, Jorge Luís. *Ficções*. São Paulo: Globo, 1989. p. 53-57.

ostracismo póstumo.

É preciso ser historiador para testemunhar o exato momento em que esse nome levantar-se-á da poeira dos arquivos, reclamando o lugar que a memória lhe negou. Vicente Loyola ergueu-se do pó durante esta pesquisa. Das páginas de seu jornal, das carcomidas folhas de seu inventário, assistimos ao transbordamento de um turbilhão de informações e sensações inteligíveis ao historiador, cujo trabalho exige o estabelecimento desta mediação entre mortos e vivos, entre o passado e o presente<sup>14</sup>.

O esquecimento de Vicente Loyola, seu silenciamento nos domínios da memória não se deu logo após sua morte. Nas duas décadas seguintes, seu nome ainda foi lembrado como sinônimo de jornalismo combativo, um bom panfletário, fiel a este estilo de fazer imprensa comum no início do século XX em todo o Brasil. De acordo com Morel<sup>15</sup>, o estilo panfletário caracterizava-se pela

[...] capacidade de convencer e atacar, espírito mordaz e crítico, linguagem literária, sátira, requerendo ao mesmo tempo densidade doutrinária e ideológica e agilidade para expressar, em situações específicas e circunstanciais, uma visão de mundo geral e definida.

A construção da memória deste jornalista seguiu dois caminhos opostos: de um lado, os que tentaram impor a imagem de um homem frágil, em constante estado enfermiço, alguém incapaz de representar qualquer risco aos seus oponentes, ou seja, um discurso voltado para a anulação da força, do poder de sua escrita; de outro lado, seus simpatizantes e leitores, defendendo o reconhecimento da importância de sua colaboração para a consolidação da imprensa sobralense, construindo a imagem de um homem perigoso por sua escrita crítica, capaz de ameaçar as hegemonias locais pela força de sua pena, um herói da escrita, um gigante da palavra impressa.

Sua morte foi noticiada no jornal *A Ordem*, seu maior adversário naquele ano de 1919. Na condição de órgão oficial do Partido Republicano Conservador em Sobral, *A Ordem* tinha a função de responder as críticas feitas por Vicente Loyola ao grupo político comandado localmente pela família Saboya, especialmente pelo seu líder, o Juiz da Comarca, Dr. José Saboya de Albuquerque. Uma vez morto, o jornalista panfletário se converteu em objeto de misericórdia. Seus antagonistas no campo da imprensa parecem ter entendido que após morte Vicente não mais representava perigo algum. O discurso marcado por um sisudo respeito aparece na notícia de sua morte publicada sob a forma de uma breve nota publicada na quarta

---

<sup>14</sup> CERTEAU, op. cit. e FARGE, op. cit.

<sup>15</sup> MOREL, op. cit., p. 36-77.

página:

Victima de antigos padecimentos falleceu, á tarde de domingo ultimo, nesta cidade, o Snr V. Loyola, tendo sido improficuo todo o emprego da sciencia em salvá-lo. Dedicara uma longa existencia ao labor do jornalismo desta terra e era o redactor e proprietario d' 'O Rebate', semanario que ia no seu decimo terceiro anno de existencia.  
O seu enterramento teve logar na manha seguinte.  
Enviamos os nossos pesames à sua numerosa família.<sup>16</sup>

Tom respeitoso, mas frio. Morrera doente, abatido, tirando dos adversários o incômodo de ter de eliminá-lo. Todos sabiam que sua morte representaria o fim de seu jornal, abrindo espaço para os concorrentes, desafogando a imprensa sobralense onde muitos viam um excesso de publicações, o que criava uma enorme disputa por leitores e, nesta disputa, para desespero dos redatores d'A *Ordem*, tanto *O Rebate* quanto *A Lucta*, ambos contrários à oligarquia local, ufanavam-se de estarem entre os jornais mais lidos do interior do Ceará.

Era, pois, preciso criar no público a convicção de que a morte de Vicente representava não apenas a de um corpo há muito combalido pelo lento avançar de tenaz enfermidade, mas também de sua escrita, de seu discurso, de seu ideal republicano liberal e, mais ainda, do suporte material desta escrita: o jornal *O Rebate*.

### O “espectro do lutador”

A imagem que os adversários tentaram criar foi a de um homem inofensivo. O morto adquiriu beleza porque incapaz de contestar o que quer que viesse a ser dito de si por quem quer que se apropriasse de sua memória dali por diante. Sua força, seu poder estavam perdidos, anulados pela morte. Imóvel, inerte, não mais representava perigo algum. Tornou-se belo porque tornou-se inofensivo, pronto a ser objeto de um discurso que viesse a desqualificar tudo aquilo em que acreditara quando vivo, destruindo um possível legado de militância na política de oposição local.

Ao morto estava agora retirada a faculdade de falar de si mesmo, sendo esta facultada a seus antigos adversários, em um processo, em certa medida, semelhante ao apontado por Michel de Certeau nas relações a curiosidade científica e a cultura popular, permeadas pelo esforço em apresentar a última sempre “em vias de extinção”, o que esconde um esforço por parte da primeira de “[...] não reencontrar o povo”<sup>17</sup>. A construção da memória

<sup>16</sup>FALLECIMENTOS. *A Ordem*, Sobral, p. 4, 7 nov. 1919,

<sup>17</sup> CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. São Paulo: Papyrus, 1995. p. 56.

de Vicente Loyola mostra-se marcada por um esforço semelhante da parte de seus antigos oponentes: apresentá-lo como o enfermo, espreitado pela morte, desprovido de uma palavra capaz de transmitir sentidos e ideias.

Entendendo a morte como momento de intensificação do processo de construção da memória, os adversários de Vicente Loyola tentam apropriar-se daquela imagem construída, em parte, por ele próprio, qual seja a do homem frágil, doente, fisicamente abatido pelo duro labor jornalístico. Um corpo consumido pela doença auxiliada pelas longas horas de trabalho, pelas desgastantes vigílias debruçado sobre a banca onde escrevia, lia, compunha textos.

No entanto, opera-se uma sutil subversão da imagem do enfermo criada por ele mesmo. Seus adversários pretendem dar sua trajetória por encerrada. Aquele corpo, agora inanimado, não mais escreveria, não mais publicaria o jornal. A personalidade ali abrigada finara-se. Não representava mais risco, sua palavra crítica e combativa não mais circularia. O confronto estava encerrado, legava-se ao morto a imagem do inofensivo, infeliz, aquele de quem se deveria sentir nada mais que pena. Os ódios desapareceram. Restava a comiseração ante a situação da viúva e dos filhos, reduzidos à pobreza pela incúria do pai e marido que não soube colocar-se social e economicamente durante a vida.

Tentar se colocar profissionalmente como jornalista teria sido o grande erro de Vicente Loyola. Um matuto pardo e pobre, sem frequência aos estabelecimentos de ensino da época, cismou de se fazer jornalista, montar uma tipografia e publicar um jornal se autoqualificando, arrogantemente, de “independente”, foi um erro estratégico, cujas consequências foram as dívidas não salgadas e o afogamento da família na pobreza.

Desvincular o morto de seu legado, separá-lo de sua escrita, tentar fazer o leitor esquecer rapidamente a sua obra jornalística foi a necessidade enxergada por seus antagonistas e, neste sentido, a pequena nota publicada na quarta página do jornal serviu para colocá-lo no devido lugar, castigo tipográfico àquele que havia ousado inserir-se no mundo letrado entendido como prerrogativa exclusiva de uma pequena elite estudada, bacharelada. Por não atender a tais pré-requisitos, Vicente Loyola fora hostilizado muitas vezes, um pobre caboclo sertanejo que entendeu de se fazer jornalista, tirando de suas leituras conteúdo para textos jornalísticos.

Era preciso fazer crer que o morto agora inofensivo nunca havia sido, mesmo em vida, mais do que um corpo. Vicente Loyola com sua escrita jornalística jamais havia ameaçado a hegemonia da oligarquia local. Depois de empregar sua vida no “labor” da imprensa, saíra de cena lugubrememente. Seu nome não mais voltou a ser gravado nas páginas

do jornal *A Ordem*, sinalizando para um apagamento da memória de um homem que, como o próprio jornal assinalou, dedicara sua vida ao “labor do jornalismo”.

Sua morte constituiu notícia também para o jornal *A Lucta*, de Deolindo Barreto Lima. Afinados politicamente, os dois jornalistas compartilhavam a ira do grupo político liderado por José Saboya. Em notícia bem mais longa, Deolindo Barreto isentou a doença e apontou outra causa para o falecimento. Para ele, foram antes os desgostos provocados pela perseguição movida pelo Juiz da Comarca contra o jornalista doente. A figura do enfermo foi usada para tornar ainda mais odiosa a atitude de José Saboya, chefe do “marretismo” local<sup>18</sup>.

O infortunado jornalista, que de ha muito vinha sendo victima da prepotencia e intolerancia do marretismo negroque infelicitava esta terra, sofria de uma velha [ilegível], que apesar de o trazer sempre preso ao lar, não o impossibilitava do exercicio da sua ardua profissão. Há dois mezes, porem, devido ao capricho da deshumana justiça de Sobral, que arrastou-o, numa rêde, ao tribunal do jury, justamente num dos periodos mais agudos da pertinaz molestia, agravaram-se sensivelmente, collocando-o entre a vida e a morte, sob a pressão dos mais horrorosos sofrimentos phisicos. O que não conseguiu a insidiosa molestia em 10 annos, alcançou em 2 mezes a perversidade de homens rancorosos e prepotentes, cuja febre de perseguição os leva até o crime.<sup>19</sup>

Nessa versão apresenta-se um outro discurso a respeito de sua morte, instituindo um discurso fundador da memória de um jornalista determinado a quem nem mesmo a doença de mais de dez anos conseguiu afastar de seu ofício. Insinua-se a fundação de uma memória baseada na figura do lutador inquebrantável, invencível a não ser por meios espúrios. Foi preciso mais que o abatimento causado pela enfermidade para dar conta de derrubá-lo. Processado por calúnia pelo prefeito da Vila da Palma<sup>20</sup>, Coronel Antônio Cristino, foi chamado a júri pelo juiz Dr. José Saboya, o qual se mostrou insensível ao seu precário estado de saúde. Deolindo deplorou o fato de Vicente Loyola ter sido forçado a submeter-se à convocação do Juiz, comparecendo ao local da audiência carregado em uma rede por não mais poder andar.

O redator d'*A Lucta* enxergou aí uma demonstração de prepotência, a única

---

<sup>18</sup> O Partido Republicano Conservador foi liderado no Ceará por Antônio Pinto Nogueira Acioly desde a última década do século XIX. Acioly era subserviente ao senador Pinheiro Machado e representava no Ceará a encarnação da política oligárquica. Foi presidente do estado por quatro mandatos até ser obrigado a deixar o governo em face dos distúrbios ocorridos em Fortaleza em 1912. Nas eleições que ocorreram pouco depois, foi eleito o Tenente-Coronel Marcos Franco Rabelo. Para que este passasse pela Comissão Verificadora de Poderes foi necessário um conchavo entre os deputados fiéis a Acioly e o grupo que tinha comandado o movimento que resultou em sua queda. Muitos militantes antigos do Partido Republicano Conservador adotaram posição contrária a tal conchavo, recebendo o apelido de “marretas”. Em Sobral, o grupo influenciado pelo Juiz da Comarca, Dr. José Saboya de Albuquerque, aderiu ao marretismo. CAMURÇA, Marcelo. *Marretas, molambudos e rabelistas: a revolta de 1914 no Juazeiro*. São Paulo: Maltese, 1994.

<sup>19</sup> *A Lucta*, Sobral, p. 2, 5 nov. 1919.

<sup>20</sup> Atual cidade de Coreaú, distante cerca de 50 quilômetros de Sobral e 280 quilômetros de Fortaleza.

estratégia capaz de vencer, de calar o redator d'*O Rebate*. Tomando a defesa de seu colega de imprensa, Deolindo Barreto considerou criminosa a atitude do Juiz de Direito, atribuindo-lhe a responsabilidade pela morte do jornalista.

O texto em questão inaugurou o esforço de consolidação de uma outra imagem de Vicente Loyola: a do homem forte, determinado e inquebrantável em suas convicções políticas e na sua persistência em fazer jornalismo sertanejo. Neste sentido, a doença pertinaz funciona como um incremento, um fator de realce às qualidades de Loyola. Mesmo diante do avanço inexorável de sua doença, a diminuição das forças até o ponto de não mais poder sair de casa, a atividade jornalística, a escrita e administração do jornal não foram interrompidas, demonstrando a força de um corpo combalido, mas não de todo vencido.

Enquanto *A Ordem* tratava a morte de Vicente Loyola como consequência do agravamento de sua enfermidade, *A Lucta* o tratou como um assassinato. Para Deolindo Barreto, a morte do jornalista não foi natural, mas provocada com o intuito de fazer cessar sua escrita, de conter seus textos críticos que ganhavam a cidade semanalmente nas colunas do jornal *O Rebate*. Reforça-se a imagem de um lutador, um batalhador incansável na arena da imprensa. Esta imagem passou a compor a memória construída por seus simpatizantes. Interrompido *O Rebate*, ficou o culto à figura do homem simples, autodidata, jornalista por vocação, desprovido de recursos financeiros e ousado o suficiente para não ceder às pressões do grupo hegemônico local.

O imaginário construído em torno da figura de Vicente Loyola por seus admiradores constitui, em boa parte, uma continuação de um discurso construído por ele mesmo em torno de sua pessoa. Durante sua vida na imprensa, não cansou de recorrer a uma autoimagem associada à sua condição de humilde jornalista, simples, pobre, mas honesto e íntegro, jamais tendo se rendido às pressões e seduções oriundas da política e do dinheiro. A imagem do enfermo foi criada por si mesmo e adotada por seus simpatizantes no esforço de construir-lhe uma memória para seu nome e seu legado jornalístico.

As disputas em torno desta memória demonstram que a atuação na imprensa teve como consequência a projeção de sua figura no cenário político e cultural de Sobral no início do século. Talvez o que mais tenha incomodado seus adversários foi sua intrusão em um círculo antes fechado a pessoas de sua condição social: origem relativamente humilde e desligada das tradicionais famílias fundadoras de Sobral, mulato supostamente descendente de escravos, possuidor de precária formação escolar, defensor do ideal liberal republicano.

A convivência da oligarquia conservadora sobralense com o redator e proprietário d'*O Rebate* sempre foi tensa e, após sua morte, era preciso encerrá-lo, silenciá-lo, resumir sua

longa trajetória na imprensa em poucas palavras, negando qualquer destaque, silenciando-o, tirando-lhe o brilho ao tratar sua morte como decorrência natural de longa doença, negando-lhe o estatuto de mártir do jornalismo.

Para o jornal *A Lucta*, porém, o agravamento da moléstia não se deu naturalmente, mas em consequência do desgaste provocado pela prepotência do Juiz José Saboya ao obrigá-lo a comparecer a júri quando não mais podia andar. A imagem do corpo decrepito levado dentro de uma rede perante o representante máximo do poder judiciário local foi o mote encontrado por Deolindo para acusar o juiz e sua oligarquia de assassinato. Trata-se de uma imagem fortíssima, onde o elemento mais chocante é a enorme desigualdade de forças entre as duas partes.

Diversamente do jornal *A Ordem*, *A Lucta* apropriou-se da imagem do enfermo não para naturalizar sua morte e legitimar o silêncio que dele se esperava a partir desta, mas para exaltar sua luta, reforçando a imagem do lutador em corpo de doente. Aquele corpo consumido pela moléstia abrigava um espírito invencível, um caráter inquebrantável. Morto o corpo, passava-se agora ao domínio da memória, onde a imagem do lutador precisava se sobrepor à imagem do corpo derrotado pela doença. Esta funcionaria como um elemento a mais para realçar a determinação do morto e aumentar-lhe o valor.

O combate entre a oligarquia conservadora sobralense e os poucos defensores do ideário liberal continuou após a morte de Vicente. Deolindo Barreto seguiu adiante com seu jornal *A Lucta*, mantendo sua escrita panfletária e polêmica, angariando cada vez mais a ira de seus adversários. Em 1920, seu jornal passou a circular em duas edições semanais, enquanto *A Ordem*, órgão do Partido Republicano Conservador, e o *Correio da Semana*, órgão da Diocese de Sobral, representantes maiores da imprensa sobralense reacionária em relação ao seu discurso liberal, mantinham-se com certas dificuldades.

O jornal *A Lucta* teve sua trajetória interrompida em 1924, quando seu redator e proprietário caiu fuzilado pelos adversários num dia de eleição, no interior do prédio da Câmara Municipal de Sobral. Daí por diante, dois espectros passaram a assombrar a memória oficial da cidade: Vicente Loyola, o jornalista doente, e Deolindo Barreto, o jornalista brutalmente assassinado. A imprensa passou a cultivar suas imagens associadas à coragem e à ousadia de desafiar grupos hegemônicos e poderosos valendo-se da palavra escrita, do periódico impresso.

Com as mortes de Vicente Loyola e Deolindo Barreto, muitos podem ter pretendido enxergar o fim da fase heroica da imprensa sobralense. Teria sido assim se suas imagens não fossem mantidas vivas pela geração imediatamente posterior, alguns

embarcando, inclusive, na aventura de fazer jornal em uma cidade marcada por fortes tensões políticas, onde o mesmo grupo que se pretendia hegemônico à época dos dois jornalistas mortos ainda continua forte e disposto a combater todos aqueles que ousassem, à semelhança dos jornalistas falecidos, desafiar seu poderio político.

A memória da escrita de Vicente Loyola e de sua postura de jornalista crítico havia feito discípulos. Jovens dispostos a imitá-lo, tão ou mais temerários e ousados quanto ele, lançaram-se na arena da imprensa e lançaram um jornal: *O Debate*. O título, em si, já constituía uma clara denúncia da personalidade que influenciava aqueles jovens.

José Cordeiro de Andrade e Abdias Lima viviam a entrada da década de 1930 na juventude dos vinte e poucos anos e pretendiam, à semelhança do jornalista enfermo, atingir duas metas cada vez mais inconciliáveis naquele instante: fazer jornalismo crítico e viver de tal atividade. Em outras palavras, pretendiam publicar um jornal crítico e independente e, ao mesmo tempo, tirar desta atividade a sua subsistência.

Era o mesmo sonho, antes perseguido por Vicente Loyola e Deolindo Barreto, de se tornar jornalista profissional, e isto às custas de escrever verdades duras contra o grupo político mais poderoso da cidade. Sem dúvida, uma audácia, verdadeira temeridade. Mas não se pode esquecer a sentida influência da memória de Vicente Loyola sobre aqueles jovens, o que pode ser percebido na maneira e nas circunstâncias em que invocaram esta memória, como que pretendendo nela encontrar a legitimidade para suas escolhas e iniciativas.

A admiração de Cordeiro de Andrade por Vicente Loyola foi confessada logo na primeira edição de *O Debate*, quando Cordeiro inseriu uma citação do programa de fundação do jornal *O Rebate*, de 1907, onde Vicente escreveu que “[...] tudo no mundo tem um destino a cumprir, desde o homem ao verme, desde a argila grosseira à luz.”<sup>21</sup>

A imprensa combativa exercida por Vicente Loyola foi entendida por Cordeiro de Andrade como um destino do qual não poderia fugir, pretendendo permanecer em seu posto até as últimas consequências, a exemplo do mestre. A determinação daquele jovem de vinte e poucos anos demonstrou o quanto a memória do enfermo lutador ganhou solidez no imaginário sobralense na terceira década do século XX.<sup>22</sup>

Em seu desejo de seguir os passos de seu mestre, Cordeiro de Andrade não tardou

---

<sup>21</sup> *O Rebate*, Sobral, p.1, 20 abr. 1907 citado em *O Debate*, Sobral, p. 1, 19 fev. 1931.

<sup>22</sup> José Cordeiro de Andrade era de origem humilde e foi empregado de Vicente Loyola nas oficinas d'*O Rebate*, quando teria aprendido a fazer jornal e a admirar a coragem e inteligência de seu empregador e mestre. A criação d'*O Debate* teria sido uma homenagem a Loyola e uma provocação àqueles que tanto o perseguiram. O prelo foi adquirido à custa de um empréstimo e as dificuldades financeiras eram enormes, tanto que *O Debate* era feito “a quatro mãos”. Cordeiro de Andrade redigia as matérias, Abdias Lima compunha e revisava e Cordeiro girava o prelo. MARTINS, Francisco Magalhães. *Ídolos, heróis & amigos*. Rio de Janeiro: Fundo Editorial AAFBB, 1982. p. 117.

a ser chamado a júri sob acusação do crime de injúria impressa. Ao tomar Vicente Loyola como modelo, parece não ter acertado no grau de acidez em sua escrita. Se comparados, os estilos de ambos se mostram sutilmente diferentes, especialmente no que tange ao emprego da ironia. Vicente Loyola mostra-se mais refinado, particularmente em suas crônicas, onde deixava correr sua verve humorística e satírica; Cordeiro de Andrade emitia críticas mais diretas e agressivas, em uma escrita desprovida de floreios. Rapidamente seus adversários encontraram ensejo para levá-lo ao tribunal, o que representava, diante da fragilidade técnica e financeira de seu jornal, uma possibilidade quase certa de provocar a suspensão de sua publicação.

Já próximo do fim de sua carreira na magistratura, José Saboya de Albuquerque emitiu sentença desfavorável a Cordeiro de Andrade no processo movido por Vilebaldo de Aguiar. A acusação: crime de injúria impressa, motivado pela publicação de um artigo enviado ao jornal por um desafeto de Vilebaldo chamado Amadeu Machado. Mesmo publicado com a assinatura do autor, o artigo ensejou o processo contra Cordeiro de Andrade. A sentença condenatória estabeleceu o pagamento de multa no valor de Rs 1:000\$000 (um conto de réis) e prisão durante quatro meses.<sup>23</sup>

O jornal *Correio do Ceará*, em artigo transcrito n'*O Debate*, comentou a condenação de Cordeiro de Andrade e o aconselhou a desistir do confronto tendo em vista a desigualdade das forças. De um lado, um jornalista pobre, munido apenas de coragem e de uma pequena tipografia; do outro, o Juiz da Comarca e maior líder político da cidade, a quem nem os governos estadual e federal ousavam afrontar. Invocou a memória de Deolindo Barreto e Vicente Loiola, agora convertidos em paradigmas do jornalismo crítico, vítimas de perseguição implacável e punidos com a morte. Convinha celebrá-los, invocá-los, mas não segui-los, pois o risco era demasiado.<sup>24</sup>

Evocada a imagem de Loyola morto por “traumatismo moral”, percebemos que a estratégia de construção de uma memória baseada na ideia de que o jornalista não morreu pela doença, mas provocada pela ação pérfida da parte de um adversário provido de um poderio tão superior que tornava a refrega completamente desproporcional, havia logrado certo êxito. Vicente Loyola havia entrado para a memória do jornalismo cearense como uma espécie de mártir, assim como Deolindo Barreto. Ambos mortos por agentes dos mesmos interesses, do mesmo grupo, da elite reacionária conservadora de Sobral. A diferença é que um foi achatado, humilhado, enquanto o outro foi pura e simplesmente abatido a tiros.

---

<sup>23</sup>*O Debate*, Sobral, p. 4, 18 jun. 1932.

<sup>24</sup>*O Debate*, Sobral, p. 4, 19 jul. 1932.

Podemos ver também que a memória de Vicente Loyola desencadeou um mecanismo de proteção por parte daqueles que vieram a assumir posto semelhante ao seu na imprensa. Era preciso, em face de dois exemplos tão contundentes, adotar postura mais prudente, o que Cordeiro de Andrade, definitivamente, parecia não estar fazendo. Daí veio a advertência do *Correio do Ceará*. Levar adiante o conflito com o maior líder político de Sobral não teria efeito diferente do aniquilamento parecido com aquele já sofrido por Vicente Loyola e Deolindo Barreto.

Resquícios de heroísmo ainda existiam em Cordeiro de Andrade, mas a imprensa já abandonava sua fase heroica e buscava cada vez mais a consolidação enquanto empreendimento econômico. Jornais diários surgiam em Fortaleza e ganhavam o interior<sup>25</sup>, dificultando a manutenção das folhas locais, embora ainda houvesse tentativas de resistência em iniciativas como *O Debate*, alimentando o fogo das paixões políticas, tentando manter vivo um jornalismo panfletário cujos dias memoráveis haviam passado junto com Vicente Loyola e Deolindo Barreto. A profissionalização do jornalismo e da imprensa cearense trouxe consigo o sufocamento daquele modelo de jornal semanal, voltado para a política e notícias locais.

A sentença proferida por José Saboya contra Cordeiro de Andrade não ficou sem cumprimento, sendo o jornalista efetivamente preso. A esta altura, o jornal *O Debate* trouxe um belo texto assinado por Abdias Lima onde a memória de Vicente Loyola e Deolindo Barreto, os “jornalistas malditos”, faz-se presente de maneira muito intensa. Na figura dos dois heróis da imprensa sobralense, daqueles que consumiram a vida no duro labor jornalístico é que se encontra uma espécie de legitimação e glorificação do sofrimento agora experimentado pelo redator d'*O Debate*. O texto, carregado desta memória, acrescenta uma presença quase que corpórea dos dois jornalistas falecidos, de quem Cordeiro de Andrade se faz uma espécie de camarada, de parceiro, pela luta que agora enfrenta como um legítimo sucessor da imprensa de luta em Sobral. Vale a transcrição na íntegra:

#### OS ASTROS

Ao amigo Cordeiro de Andrade

Temis, com os olhos vendados, não contempla a consumação da grande miséria.

O Consulado bernardesco, se banqueteia. Lá fóra, sob o sól que tudo doira, ouve-se as harmonias plangentes da musica de Offenbach.

O som funereo denuncia a morte da Justiça, do Direito e da Liberdade. E um apóstolo glorificado pelas ovações das massas, ha de marchar para o carcere.

A estrada é alva, da brancura divinal dos lirios.

Em meio do caminho, se erguerá um espectro de homem, clamando, anatematizando

<sup>25</sup>NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à história do jornalismo cearense*. ed. fac-similar. Fortaleza: NUDOC/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará/Arquivo Público do Ceará, 2006. p. 145-149.

os vendilhões das liberdades publicas. É o espírito de Vicente Loyola. A multidão, religiosamente, tem que curvar-se, ante o Lutador que, um dia, miseravelmente foi levado, num catre, a barra dos nossos tribunais. Prosseguirá, depois. Adiante se erguerá, outro espectro. Quem é? Deolindo Barreto Lima, uma gloria rediviva. E a mocidade, entoará, aí, um hino de fé, numa glorificação estonteante ao Idolo. Vicente Loyola foi a estrela de fogo que rasgou um novo caminho aos israelitas da Imprensa. Deolindo Barreto harmonizou esta trilha luminosa, com clarinadas de fé. E Cordeiro de Andrade, na sua passagem, vai recamá-la de estrelas.<sup>26</sup>

A cena evocada pelo texto mostra-se carregada de elevada dramaticidade. Cordeiro de Andrade conduzido à prisão por policiais formando uma espécie de préstito. O jornalista, apesar de prisioneiro, é quem de fato triunfa, pois conseguiu se associar aos seus ídolos, aos dois ícones da imprensa sobralense que, como ele, um dia também foram perseguidos e mortos por obra e arte das mesmas pessoas que agora o perseguem e aprisionam em desesperada tentativa de abafar a sua escrita. A perseguição, condenação e prisão atestam a autenticidade das posições assumidas por Cordeiro, provam que assumiu de fato o lugar dos seus antecessores na luta contra a injustiça em Sobral.

A luta e o sofrimento de Cordeiro de Andrade servem ainda para promover uma espécie de volta à vida para Vicente Loyola e Deolindo Barreto. Reparemos que o primeiro é apresentado no texto como um “espectro”, um corpo semimaterial, uma figura volátil, nebulosa, vaporosa. Transitando em uma espécie de limbo, nem completamente morto, nem mais vivo, assume a figura de uma espécie de assombração, um fantasma a voltar do passado para assombrar seus antigos adversários, aqueles que lhe provocaram a morte. Sua escrita contundente agora volta a assombrar na figura do espectro, do ente fantasmagórico que teima em não se calar, mas insiste em continuar verberando contra a injustiça, condenando aqueles que vendem, que mercadejam com a liberdade dos mais humildes.

Sem dúvida, trata-se de um discurso canonizador, um martirologio construído em torno da pessoa do jornalista, construindo uma memória de um homem que personificou a fase heroica da imprensa sobralense no momento em que o ideário moderno liberal e republicano ganhava forças suficientes para abalar a hegemonia de uma oligarquia reacionária, dogmática e conservadora.

## Conclusão

No início da década de 1930, os simpatizantes de Vicente Loyola pareciam estar

---

<sup>26</sup>*O Debate*, op. cit., p. 1.

vencendo a batalha por sua memória. A figura do “espectro” que, mesmo morto, insiste em voltar à vida cada vez que seus antigos ideais são profanados pela elite local se mantém recorrentemente na imprensa, nos textos e, provavelmente, nas conversas entre seus admiradores e simpatizantes.

A imagem do lutador obstinado pelo desejo de combater as injustiças dos poderosos orbita em torno da figura do homem humilde, pobre, vivendo com dificuldades decorrentes tanto da doença quanto da falta de dinheiro, reforçando a ideia de que a imprensa ainda não constitui meio de vida saudável para ninguém, que tentar viver de jornal foi mais um atestado da determinação de Vicente Loyola em tudo arriscar no cumprimento de sua missão de jornalista imparcial, de valente defensor dos necessitados.

Dali até o empréstimo de seu nome à bucólica rua no Campo dos Velhos, houve um processo de esmaecimento daquela imagem que constitui o discurso fundador de sua memória. O esquecimento de sua palavra e de seu jornal, suporte material do trabalho mental de um homem dedicado à escrita, promoveu mudanças no curso de sua memória. Sobral o foi esquecendo e seu nome deixou de evocar a fantasmagoria, o espectro, deixou de ser assombroso. As tensões migraram para outros polos, a sociedade local diversificou-se, a cidade cresceu e Vicente Loyola viu-se relegado ao esquecimento, confinando o seu legado nas páginas de seu jornal, entregue às tramas do tempo, ao repouso do arquivo.

A memória reivindica ainda seu caráter de precursor. A imagem da “estrela de fogo” que indicou aos “israelitas da imprensa” um novo caminho veio reforçar a ideia de ter sido o primeiro a tentar fazer jornalismo independente em Sobral, tendo aberto o caminho aos que vieram depois, ao próprio Deolindo Barreto e Cordeiro de Andrade. Um inovador, abridor de novos caminhos, ao mesmo tempo doente e frágil, determinado e incansável, uma figura contraditória que, depois de morta, é invocada nos discursos da memória para assombrar os poderosos da cidade. Convertido em ídolo, em inspiração para jovens jornalistas, em memória de uma imprensa heroica, também teve de passar pelo cadinho do esquecimento.

Antes disso, o ingresso de Vicente Loyola na memória coletiva dos sobralenses justifica-se pelo poder de sua palavra escrita e impressa. Não havia justificativa para a construção da imagem do jornalista martirizado, seviciado, a não ser no impacto de seus textos sobre a oligarquia conservadora cuja força política em Sobral se pretendia inquestionável. Ficou a imagem do homem que fundou um jornal em cujo programa constava o propósito de não dar tréguas a todos aqueles que se insurgissem contra a política liberal, a democracia e o republicanismo. A política oligárquica, a concentração de poder, a fraude eleitoral constituíam práticas às quais ele votou total repulsa e deu ferrenho combate nas

páginas do seu jornal.

Enquanto combatia tais práticas, Vicente Loyola semeava no pensamento de seus leitores e correligionários o embrião de uma memória martirológica, visto ter constantemente se referido à dureza de seu ofício, aos perigos que o mesmo ensejava. Sabemos, pois, que sua memória, constituída por um imaginário do lutador persistente, apesar da fraqueza física, foi construída por ele mesmo e continuada por seus amigos. Aquilo que se apresentou após sua morte, as referências à sua pessoa e seu legado nos jornais *A Lucta* e *O Debate*, constituem desdobramentos de um processo iniciado pelo ele mesmo e continuado por outros após seu falecimento.

Com o pensamento materializado na letra de forma impressa, tornou-se por algum tempo um morto ainda vivo, constantemente voltando a assombrar seus adversários pelas constantes invocações de sua memória. Neste sentido, trata-se de um uso da memória destinado a trazer de volta, ainda que sob uma forma espectral, distorcida, distante da real, a figura do morto, sua voz, seu poder de falar aos ouvidos daqueles que não o quiseram ouvir quando vivo. Morto o corpo, a palavra permaneceu viva, constituindo um legado capaz de ameaçar, de manter sob risco constructos ideológicos e sociais aos quais se antepôs.